

## O Novo Papa

por Mário Soares

Quando da morte de Sua Santidade o Papa teve ocasião de fazer um artigo para o "Courrier International" (versão portuguesa) em que expressei o meu sentimento de pesar e da perda imensa que a sua morte representava, não só para o mundo cristão como para a Humanidade em geral.

Na verdade, o "Papa peregrino da paz" - como lhe chamaram - viajou por todos os continentes e, com a sua tocante simplicidade, foi deixando, por toda a parte, as sementes do seu humanismo, do seu amor pelos outros e, em especial, pelos mais pobres, carecidos e doentes. Foi um Papa que compreendeu a importância da solidariedade, o valor insubstituível da paz, e que lutou contra a infeliz guerra do Iraque, que dividiu o mundo e está a provocar, ainda agora, incompreensões, ressentimentos e conflitos que ninguém pode prever onde nos conduzirão.

Aliás, João Paulo II não foi só uma grande personalidade do mundo religioso. Foi um político excepcionalmente atento, com uma vivência quotidiana anti-totalitária, que o marcou profundamente. Foi o Papa que veio do Leste, da "Igreja do Silêncio", que ajudou o Solidarnosc e que contribuiu, com uma quota-parte não dispiciente, para a desagregação do universo comunista.

Como reverso da medalha, foi um Papa muito rígido em matéria de dogmática católica, o que mal se compreende por parte de quem participou activamente no Concílio Vaticano II, o qual provocou o "aggiornamento" da Igreja, a que João Paulo II, aliás, não deu a esperada continuidade.

Talvez por isso, logo a seguir à sua morte - que os media de todo o mundo exploraram, sem pudor, em todos os sentidos - tem vindo a levantar-se um côro (orquestrado?) em favor da sua beatificação, primeiro passo, como se sabe, para o reconhecimento de santidade. O seu enterramento na cripta da Basílica de São Pedro, muito próximo do fundador da Igreja, de algum modo, inculca já nessa direcção...

No entanto, a única pessoa que pode tomar uma decisão a tal respeito é o Papa que for eleito pelo Conclave de Cardeais reunidos no Vaticano. Os meios de comunicação falam, contudo, nessa hipótese, com tanta insistência, antes que se saiba quem é o novo Papa e este se pronuncie, que poderá interpretar-se como uma forma prévia de lhe forçar a mão.

O coro de louvores, quase unânime, que se ergueu, quando da morte de João Paulo II, teve em alguns ilustres "teólogos" - como o bem conhecido suíço, Hans Küng e o franciscano brasileiro, Leonard Boff, autor de mais de quarenta livros - quem se manifestasse contra a corrente. Não admira: foram ambos condenados ao silêncio por João Paulo II, depois das posições contra a "teologia da libertação" tomadas pelo Cardeal Joseph Ratzinger, presidente da Congregação para a Doutrina da Fé. Da mesma maneira que os Jesuitas, favoráveis à abertura da Igreja à modernidade, que deveria ter-se seguido ao Concílio Vaticano II, foram, de algum modo, substituídos, durante o pontificado de João Paulo II, pela Opus Dei, "restauracionista" do centralismo teocrático do Vaticano.

Numa Carta Aberta aos Cardeais que vão escolher o novo Papa, na sua maioria designados por João Paulo II, o citado Hans Küng (vide o texto completo publicado na Visão, de 14 do corrente) chama a atenção para cinco imperativos que, quanto a ele, deveria seguir o novo Papa: 1º estar em sintonia com o espírito dos Evangelhos - que apela à liberdade, à bondade e à misericórdia e não apegado à rigidez dogmática da Igreja Medieval; 2º. ser um bispo colegial, porque -disse - "os Bispos só têm um Senhor e são todos irmãos" (Mateus); 3º. ser um Papa favorável às mulheres (que não as discrimine e não as inferiorize na sua condição de iguais aos homens; 4º. ser um mediador ecuménico, que garanta a abertura da Igreja "porque - diz - onde está o Espírito, há liberdade" (Corintios); 5º. finalmente, que seja um garante da liberdade, dos direitos humanos e da abertura. Numa palavra, um Papa reformista, que seja capaz de resolver os problemas estruturais que se põem à Igreja, na entrada do novo século, capaz de promover um Concílio Vaticano III.

Não nos iludamos, pois: há divisões profundas, de carácter teológico e não só, no seio da Igreja que não são fáceis de esconder. O prestígio e a incansável actividade de João Paulo II, muito mediatizada, de certo modo manteve-as na sombra. O sucessor de Karon Wojtyla vai ter de as enfrentar, se quiser preparar a Igreja para o III milénio. Quase metade dos católicos do Planeta estão na América Latina onde nasceu a "teologia da libertação", que queria pôr a Igreja

decisivamente ao lado dos pobres, sobretudo tendo em conta o mundo dos subdesenvolvidos, cada vez mais injusto, desumano e cruel.

Esperemos que os Cardeais, em Conclave, sejam iluminados e escolham um Papa capaz de renovar o "aggiornamento" da Igreja e de lhe dar força para contribuir decisivamente para a "paz das consciências" e para, neste mundo em desordem e egoísta, apontar um caminho em que os grandes valores humanistas contem e não só o dinheiro...

Lisboa, 19 de Abril de 2005